

## UMA TEORIA DE CÍRCULOS CONCÊNTRICOS PARA TECNOLOGIA

Juliano Barcelos Alves (UnB)

[julianob@uvic.ca](mailto:julianob@uvic.ca)

Juliana Dischke (ESPM)

Há uma disciplina emergente chamada filosofia da tecnologia cujos tópicos de debate ainda são motivo de discussão. As deliberações sobre seus temas são construídas a partir de termos como “técnica” e “tecnologia”, termos para os quais não existe consenso. Do ponto de vista do usuário temos a tecnologia, e as posturas de tecnofobia e tecnofilia; do ponto de vista da tradição filosófica temos a técnica, e à sua volta técnica antiga e técnica moderna, quase como sinônimo aparece o termo tecnologia. Nenhuma abordagem é satisfatória: a primeira, pouco elaborada; a segunda, prolixa, tomando técnica e tecnologia como sinônimos. Tais termos, sem uma definição clara ou terminologia acordada, são um problema, cuja solução tem na base uma análise filológica de *techne*, do grego clássico. A tradução de *techne* por “técnica”, ainda que encontrada, deve antes ser tomada como galicismo do que como uma boa escolha de tradução. Sendo “arte” tradução mais apropriada para *techne*, também encontrada, e ainda mais difundida como tradução em literatura, como no caso do *corpus aristotelicum*. Para o problema dos termos envolvidos na discussão sobre tal investigação, a solução proposta é a de uma teoria de círculos concêntricos. Pensando em círculos concêntricos temos tecnologia, que é diferente de técnica, no círculo central, e os demais termos definidos por distinção nos satélites. Assim o desenho inicial tem: técnica como um termo único; tecnologia como algo distinto de técnica, embora, é claro, ainda esteja associado – todos esses termos estão associados em algum nível, do contrário não estariam na composição do mesmo mapa; não há espaço para algo como “técnica antiga”, esta estaria em direta relação com arte, a tradução para *techne*, e não com “técnica”; e termos como tecnofilia e tecnofobia, próximos de tecnologia.